

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Agenda do Povo (Paraná) Class.: 22

Data 3 de julho de 1988 Pg.: _____

Índios do Xingu terão línguas documentadas

BRASILIA — Cinco dos dezessete grupos indígenas do Parque Indígena do Xingu — Juruna, Kamayurá, Paraná, Suyá e Yawadapati receberão, a partir deste domingo, a visita de seis mulheres com quem conviverão, de seis em seis meses, durante três anos e meio. É o começo do projeto que documentará e descreverá as línguas indígenas do Parque do Xingu e que integra o programa de pesquisa científica de línguas indígenas brasileiras, financiado pelo CNPq e pela Finep.

— “A língua é a coisa mais importante de um povo”, justifica a professora Marisa Cassim, superintendente de Ciências Humanas, do CNPq e coordenadora do programa. “É preciso uma ação urgente para preservar o equilíbrio sócio-cultural das comunidades xinguanas”, endossa a professora Lucy Seki, do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp e autora do projeto.

As duas estudiosas preocupam-se com o resgate e documentação das línguas indígenas brasileiras, que somente agora passam a contar com o apoio oficial mais ostensi-

vo. Para a primeira etapa do projeto o CNPq desembolsará 1,5 milhão de cruzados e as pesquisadoras com o apoio de transporte e alimentação da Funai, da Universidade de Campinas e até mesmo da iniciativa privada — a Nutricia S.A. Produtos Dietéticos e Nutricionais cedeu 12 caixas com alimentação balanceada.

A importância da pesquisa pode ser medida por um lado: das 170 línguas indígenas faladas em território nacional em menos de 60 delas foi iniciado algum tipo de estudo linguístico.

“É crescente a pressão exercida pelo português sobre as línguas faladas no parque” alerta a linguista Lucy Seki. Outros fatores justificam essa e outras pesquisas. Os grupos existentes no Parque Xingu, por exemplo, possuem uma baixíssima densidade demográfica, com sua população variando de 39 a 477 indivíduos, com média falante inferior a 200 por grupo. “Os Juruna hoje, são apenas 101 indivíduos”, relata Maria Jandyra Cunha, linguista da Universidade de Brasília e que estudará esse grupo.

O trabalho que for realizado pelas seis pesquisadoras não engrossará apenas o arsenal de teses universitárias sobre o assunto. Por reivindicação dos grupos indígenas, a documentação e descrição de suas línguas será sistematizada para a educação bilingue. Ou seja, a partir da pesquisa os grupos indígenas poderão desenvolver suas próprias cartilhas e dicionários”, relata a professora Marisa Cassim. Sairam da tradição oral para o ensino através da grafia, ganhando mais um instrumento para fixação de suas próprias línguas.